

# Ozarfaxinars

e- revista ISSN 1645-9180

Nº 13 AEC - Papel e Acção na Escola

1

## Intervir em situações problemáticas

*Sofia Freitas (\*)*

No nosso dia-a-dia, o relacionamento com os outros nem sempre é fácil. Nós, professores, temos de saber lidar com um infindável número de aspectos relacionados com a nossa profissão. Temos de agradar a alunos, pais, professores e funcionários. Este curso de formação forneceu-me diversos instrumentos indispensáveis à resolução de inúmeros problemas que surgem diariamente.

De facto, as minhas dificuldades não se restringem ao espaço da sala de aula, mas alargam-se aos vários intervenientes da comunidade escolar. Lidar com professores, auxiliares e encarregados de educação nem sempre é fácil, sobretudo quando nos encontramos num contexto sócio-económico desfavorecido e problemático. Não só temos de cativar os alunos, como também os seus professores e encarregados de educação.

Há dias atrás, num momento de reflexão a caminho de casa, encontrei-me a questionar sobre a característica que mais admirava num aluno. Considerei vários aspectos e o que me pareceu ter mais peso foi a vontade de aprender. De facto, nada me deixa mais feliz numa turma do que constatar entusiasmo e motivação, ainda que tais aspectos suscitem barulho e movimento nas aulas.

Este é desde logo um problema com que me deparo: fazer com que os outros professores percebam que o facto de os alunos fazerem barulho nas AEC nem sempre significa que estejam a ter comportamentos desajustados. Embora haja um conjunto de regras idênticas, o facto de se tratar de aulas não formais com um carácter muito oral implica, muitas das vezes, algum barulho que seria impensável nas aulas curriculares. E é esta agitação que por vezes se pretende com determinadas actividades, embora tenha também de haver outras que requeiram calma e concentração.

Esta formação forneceu-me alguns instrumentos para passar esta mensagem aos professores titulares, através de uma comunicação com base na assertividade e na empatia. É

# Ozarfaxinars

e- revista ISSN 1645-9180

Nº 13 AEC - Papel e Acção na Escola

2

essencial ter a cooperação dos professores das turmas para desempenhar um bom trabalho e, para tal, pretendo desenvolver uma escuta activa e técnicas de persuasão.

Alguns professores titulares percebem todo o conceito por trás das AEC, mas grande parte demonstra alguma falta de formação. Sabem que não damos aulas formais, mas vêem as actividades como algo que “tem de ser”, que lhes foi imposto e que era desnecessário. É certo que as opiniões sobre este assunto estão a mudar de ano para ano e que somos cada vez mais parte integrante da comunidade escolar, mas ainda assim há alguns professores que apresentam uma grande resistência à mudança.

No primeiro ano da minha actividade profissional enquanto professora de AEC, evitava o confronto com colegas que subestimassem o meu trabalho, numa atitude muito passiva. Na realidade, penso que tal atitude se devia ao facto de permanecer muito pouco tempo na escola (uma vez que só tinha duas turmas) e, conseqüentemente, sentir que era uma intrusa no sistema escolar. Regra geral, os professores titulares não acreditavam no nosso trabalho e faziam questão de o demonstrar à nossa frente. Não me esforçava por lhes fazer ver a importância das AEC, por muito que acreditasse no meu trabalho. Sentia-me diminuída e sem razão perante “professores da casa”.

Actualmente, quando ouço alguns comentários relativos às AEC, por vezes pouco agradáveis, tento sempre recorrer ao auto-domínio, controlando os meus impulsos e evitando uma reacção negativa. Tento ser assertiva na resposta e esforço-me por defender a minha profissão. Mostro-lhes que compreendo a indignação dos professores relativa a toda esta mudança (de horários, de rotinas), ao mesmo tempo que lhes lembro que estamos a trabalhar para um fim comum e que o objectivo não é dificultar-lhes o trabalho, pelo contrário. Costumo aproveitar todos os momentos para promover o que faço, falar das actividades que desenvolvo, dos objectivos e resultados, e também elogio os pontos fortes da turma com frequência.

Embora me encontre a leccionar numa escola com fama de ter alunos muito complicados a nível comportamental, de facto, em sete turmas, poucos são os alunos que apresentam problemas de indisciplina. Além disso, os poucos alunos com comportamentos menos adequados em ambiente escolar estão agora mais controlados, fruto principalmente do conhecimento que adquiri neste curso de formação.

# Ozarfaxinars

e- revista ISSN 1645-9180

Nº 13 AEC - Papel e Acção na Escola

3

Relativamente à aprendizagem, poucos são os alunos sem dificuldades numa das turmas, tratando-se de indivíduos com necessidades muito específicas, que exigem a atenção da professora a 100%. O problema consiste no facto de não poder deslocar-me ao lugar para supervisionar o trabalho e atender às necessidades de cada um, uma vez que tenho de estar a controlar todos ao mesmo tempo através do olhar e de sinais que faço constantemente.

Esta não é a única dificuldade que encontro na turma. Existe um aluno particularmente complicado no espaço da sala de aula e também do recreio. Trata-se de um aluno que revela indisciplina, bem como comportamentos violentos para com alguns colegas. Gera conflitos com os outros no intervalo com frequência e quebra constantemente as regras do recreio, que são do seu conhecimento.

No início do ano, perguntei à turma quais as regras da sala de aula, discuti-as e elaborei um poster com um apanhado do que havia sido dito (quatro regras curtas e elaboradas pela positiva). Implementei também um sistema de economia de fichas, em que no final de cada mês são contabilizados os pontos que cada aluno tem, sendo atribuído um certificado aos alunos com mais pontos. No entanto, não fixei consequências do não cumprimento das regras, por achar que estavam subentendidas. Este curso de formação fez-me ver a importância do conhecimento de tais consequências por parte dos alunos e, de futuro, pretendo negociar não apenas as regras, mas também as consequências do seu incumprimento.

Ao longo do tempo, num trabalho de articulação com a professora titular da turma (que se mostra sempre disponível para me ajudar), fui tentando perceber e relacionar os motivos do comportamento deste aluno. Concluímos que está constantemente em busca de atenção, pois tão depressa é um aluno revoltado e violento capaz de insultar a professora, como se abraça a nós sem nos largar. Na realização de actividades individuais, precisa de muita atenção e de ajuda para se certificar de que está a desempenhar o trabalho correctamente. Por este motivo, decidimos mudá-lo para o lugar da frente, onde está mais perto de nós e onde o conseguimos controlar melhor através de estratégias preventivas.

Em termos das suas características individuais, é um aluno com algumas dificuldades de aprendizagem. Se, por um lado, lhe apresento actividades úteis e significativas, fica frustrado e não se empenha, embora eu saiba que é capaz de atingir os objectivos. Em tarefas que não exijam tanto das suas capacidades cognitivas (como pintar, recortar, colar), rapidamente perde o interesse, desestabilizando o resto da turma.

# Ozarfaxinars

e- revista ISSN 1645-9180

Nº 13 AEC - Papel e Acção na Escola

4

Após ter experimentado diversas actividades, concluí que aquelas que mais o motivam são os jogos, apesar de gerarem alguns problemas no seu relacionamento com os colegas. Pretendo inserir mais jogos nas planificações nesta turma como forma de prender a atenção e o interesse deste aluno e, ao mesmo tempo, treinar as suas competências sociais.

Ao longo do curso de formação aprendi alguns instrumentos (e relembrei outros) para lidar com este aluno. Desde então, tenho tido especial atenção na forma como falo com ele, tentando criar um bom ambiente relacional com base na assertividade. Chamar a sua atenção em privado tem apresentado melhores resultados, pois além de conseguir dialogar com ele, não desestabiliza o resto da turma. Tenho tentado, sobretudo, ser mais tolerante, o que nem sempre é fácil, sendo que tenho receio de deixar passar comportamentos sem resposta ao “tapar os olhos” em algumas situações.

A minha maior dificuldade com este aluno tem sido não encarar a sua indisciplina como uma afronta pessoal. Esta questão é muito complexa, pois trata-se de uma criança extremamente carente a nível emocional e que me cativou desde o início do ano, sendo difícil abstrair-me emocionalmente e perceber que o seu comportamento não é dirigido a mim. Esta formação foi extremamente importante, no sentido de treinar a minha autoconsciência emocional, permitindo gerir melhor as minhas emoções e os seus efeitos em tais situações.

Embora já tenha experimentado uma quantidade significativa de estratégias para lidar com o comportamento deste aluno (extinção, custo da resposta, super-correcção, castigo e isolamento são as mais frequentes), sinto que me tenho focado mais em estratégias punitivas e menos em estratégias positivas. A modelagem é uma estratégia que não resulta com este aluno, que apresenta comportamentos violentos sempre que os colegas ditos exemplares são valorizados à sua frente. De futuro, pretendo utilizar mais o reforço positivo e a moldagem e vou fazer um esforço no sentido de me focar mais nos aspectos positivos deste aluno, elogiando-o com mais frequência.

Este curso de formação proporcionou-me, além de conhecimentos e partilha de experiências, momentos de auto-reflexão relativos à minha prática educativa. Ofereceu-me alternativas em termos de estratégias de actuação para lidar com diversos problemas. No futuro, espero conseguir agir mais ao nível da prevenção, com base em estratégias abordadas no curso.

# Ozarfaxinars

e- revista ISSN 1645-9180

Nº 13 AEC - Papel e Acção na Escola

5

Enquanto professores das AEC, temos de “cair em graça”, promover o nosso trabalho, ensinar, gerir, motivar e, sobretudo, temos de acreditar no que fazemos. O meu plano de acção passa também pela auto-motivação com muito empenho e optimismo, mesmo nos dias em que o trabalho não corre tão bem. Nem sempre tomamos as melhores decisões, fruto da pressão do ambiente da sala de aula, mas penso que o importante é parar, reflectir, analisar e aprender a fazer melhor.

*(\*) Professora AEC. Formanda das acções C303. Competências Interpessoais - Prevenir e Resolver Situações Problemáticas e C316. Diferenciar para aprender, aprender a diferenciar, promovidas e financiadas pela CMM – Câmara Municipal de Matosinhos e organizadas pelo CFAE\_Matosinhos.*